

LIDIA ALMEIDA BARROS

A toponímia

oficial e

espontânea

na Cidade

Universitária

— *campus*

Butantã

da USP

**LIDIA ALMEIDA BARROS** é professora da Unesp (*campus* de São José do Rio Preto).

## INTRODUÇÃO

É interessante notar como se dá o processo espontâneo de identificação numa comunidade, seja na relação pessoa-pessoa, seja na relação pessoa-ambiente. A referência pode ser uma característica relevante, peculiar, que torna alguém ou alguma coisa inconfundível. Encontramos freqüentemente a dona Maria beata, a dona Maria do sr. Filipe do bar, o sr. José do caminhão, o sr. João peixeiro. Com relação ao ambiente o processo não é diferente: a rua do mercadinho, a praça do orelhão, e por aí fora.

É a identificação e localização natural que se processa por parte dos habitantes de uma dada região ou lugar. Não raras vezes verificamos que em comunidades recentes, em formação ou acomodação, pela ausência de uma nomenclatura oficial, a toponímia espontânea toma proporções maiores, uma vez que tende a ocupar um espaço vazio. O mesmo pode ainda ocorrer com ruas ou travessas onde há um topônimo oficial, mas se se trata de uma região nova, onde a toponímia se manifesta através de letras e numerais, a toponímia oficial será mais duramente aceita pela população local, que resistirá bastante, principalmente os moradores mais velhos. Essa

toponímia oficial tende, nesses casos, a ser utilizada apenas como rótulo em correspondências ou documentação, ao passo que cotidianamente a referência é a denominação popular, espontaneamente aceita. Por vezes o código espontâneo é tão forte, tão enraizado que a toponímia oficial o absorve.

Este trabalho tem por objetivo observar a relação mantida entre a toponímia espontânea e a oficial na Cidade Universitária “Armando de Salles Oliveira”, *campus* Butantã da Universidade de São Paulo, registrando alguns exemplos da dualidade e fazendo uma apreciação sobre o processo geral dentro da Cidade Universitária. Resgata ainda um pouco da história do *campus*.

Os dados foram recolhidos em pesquisa de campo, assim como em documentos oficiais constantes dos arquivos da Prefeitura Universitária. Cumpre ressaltar que nosso estudo não é recente. Data de 1983, quando éramos estudantes de graduação e vivíamos intensamente a vida universitária no *campus*. Uma disciplina que cursamos como optativa – Toponímia (ministrada pela prof<sup>a</sup> dr<sup>a</sup> Maria Vicentina do Amaral Dick) – despertou nossa atenção, abrindo-nos um novo horizonte cultural muito rico e interessante, que nos atrai até hoje. Este trabalho constituiu, na época, uma monografia do curso e hoje, tantos anos após, ainda tem sua validade e pode vir a ser uma contribuição à abordagem de aspecto cultural importante da vida universitária na USP. Este artigo se restringe, portanto, ao estudo de aspectos históricos e toponímicos da USP do período que vai de sua criação

a 1983. Deixamos o terreno preparado e o convite a estudo complementar de maior atualidade.

## HISTÓRIA DA USP E DO *CAMPUS* BUTANTÃ

Para entendermos melhor a toponímia da Cidade Universitária “Armando de Salles Oliveira”, é de grande auxílio um conhecimento prévio da história do *campus* e da própria USP.

As raízes da Universidade de São Paulo datam do século XIX, quando em 1<sup>a</sup> de março de 1829 foi inaugurada a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, já oficializada por D. Pedro I desde 11 de agosto de 1827. A campanha em prol da criação da USP ganhou força a partir de 1926, quando o jornal *O Estado de S. Paulo* promoveu inquérito organizado por Fernando de Azevedo. Em 25 de janeiro de 1934, pelo Decreto Estadual nº 6.283, assinado pelo então governador Armando de Salles Oliveira, interventor federal no estado de São Paulo, nasceu a USP, sendo Reynaldo Porchat seu primeiro reitor.

Foram agregadas à USP, além da Faculdade de Direito, a Escola Politécnica (1899), a Faculdade de Medicina (1913), a Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (1901), a Faculdade de Farmácia e Odontologia (1899), então entidade particular. Pelo mesmo ato que criou a Universidade, criou-se também a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Daquela épo-

ca para cá, novos cursos têm sido criados, sendo a década de 60 responsável pela maioria deles.

A história do *campus* universitário é bem mais recente. A idéia da construção da Cidade Universitária nasceu em 1935, quando o governador Armando de Salles Oliveira nomeou uma comissão, presidida pelo então reitor, com o objetivo preciso de escolher o local para concentração de toda a Universidade. A comissão concluiu seus trabalhos iniciais apontando a área compreendida entre a Faculdade de Medicina (situada à Av. Dr. Arnaldo desde 1931) e o Instituto Butantã. O número de desapropriações que essa área exigiria fez com que esse projeto se restringisse e fosse escolhida somente a Fazenda Butantã, situada entre a adutora de Cotia, Ribeirão Jaguaré, margem direita do Rio Pinheiros e Estrada de Itu, somando 200 alqueires.

A primeira construção feita no terreno da já oficial área da Cidade Universitária foi a do Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT), que, com recursos próprios, instalou-se às margens do Ribeirão Jaguaré, onde está até hoje. Cuidou o Instituto da retificação do curso do ribeirão para evitar enchentes.

A seguir, foi a vez do “Betatron”, Departamento de Física, que, com o auxílio fornecido pelos Fundos Universitários de Pesquisa, inaugurou suas instalações em 1951. O Laboratório de Alta Tensão do Instituto de Eletrotécnica foi o terceiro prédio da Cidade Universitária, cuja construção iniciou-se em 1950. Embora a Reitoria tivesse sua pedra fundamental lançada no dia 25 de janeiro de 1951, foi concluída somente dez anos depois. O edifício do Gerador Van de Graaf (Departamento de Física) foi inaugurado em 1952.

Por essa época, uma equipe técnica trabalhava no Rio Pinheiros, que passava, de acordo com seu curso original, pela atual Raia Olímpica. Suas águas malcheirosas e a dificuldade de acesso à cidade fizeram com que a Comissão da Cidade Universitária achasse por bem desviá-lo e, em seu lugar, deixar apenas um lago para atividades esportivas.

De 1953 a 1955, a construção do *campus* ficou praticamente paralisada. Em 1954 foi lançada a pedra fundamental da Torre da Cidade Universitária, localizada na praça que deveria abrigar o Centro Cívico da USP. Sua construção só foi possível com a doação de fundos pela Casa de Portugal, em homenagem ao IV Centenário. Ainda nesse período iniciaram-se as obras do edifício do Biênio Fundamental e do Laboratório de Hidráulica, ambos da Escola Politécnica.

Na década de 60 novos edifícios foram construídos e o setor de paisagismo teve que trabalhar depressa, principalmente por causa dos IV Jogos Pan-americanos de São Paulo. As ruas eram barrentas nas chuvas e poeirentas na seca, os ônibus chegavam apenas até a entrada da USP – que se fazia pelo Instituto Butantã – e o resto do percurso tinha que ser feito a pé (ou, por vezes, em caminhão da Prefeitura). Com os Jogos Pan-americanos, as vias de acesso foram pavimentadas e os ônibus passaram a chegar até o prédio da Reitoria. O Conjunto Residencial da USP (Crusp) foi construído para alojar os atletas.

Em 1961 inaugurava-se a Reitoria e o Centro Regional de Pesquisas Educacionais (CRPE), este último à entrada do *campus*, onde funcionava a Faculdade de Educação. Em 1964, a pavimentação das ruas internas foi intensificada, em 1965 foram introduzidas as linhas circulares de ônibus e em 1966 foi construído o prédio dos cursos de História e Geografia e inaugurado o Conjunto das Químicas. No período que vai de 1966 a 1969 foram alojadas várias escolas e faculdades, dentre elas a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU). A Cidade Universitária já ganhava contornos bem-definidos.

Após os embates políticos de 1968, a antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, sediada à Rua Maria Antonia, no centro de São Paulo, foi transferida para o *campus* Butantã. Também foram transferidos os cursos de Odontologia, Veterinária e Psicologia. Não havia, entretanto, instalações adequadas para abrigar esses cursos, que foram alocados em barracões precários,

onde permaneceram por muito tempo.

O curso de Letras foi instalado em parte nos blocos do Crusp, esvaziados em 1968 pela política de repressão, que acabou com a moradia estudantil no *campus*. Na área de entorno dos blocos foram construídas a biblioteca de Letras e salas de aula em forma de favos de mel, de onde derivou o topônimo popular “Colméias”.

Em 1979 os estudantes fizeram um movimento de retomada da moradia estudantil, que, em 1983, desalojou o curso de Letras das salas localizadas nos blocos, o que inviabilizou concretamente a realização das atividades didáticas. Começou, então, um longo processo de luta pela construção do prédio de Letras, que assumiu grandes proporções. Os estudantes de Letras, liderados pelo Centro Acadêmico de Estudos Literários e Lingüísticos (Caell), e o conjunto dos professores uniram-se para sensibilizar as autoridades competentes no sentido da adoção de medidas urgentes e definitivas que garantissem condições materiais para um ensino de qualidade. Diversas foram as reuniões e discussões com deputados da Assembléia Legislativa do Estado e com o então governador Franco Montoro. Finalmente, depois de tanta luta, verbas foram atribuídas à construção do prédio que hoje completa o conjunto da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH).

Em 1975, o Setor Esportivo foi consideravelmente ampliado devido aos Jogos Pan-americanos que deveriam ter sido realizados em São Paulo, mas que foram suspensos. O reitor da época era o prof. dr. Orlando de Paiva.

O Fundo de Construção da USP (Fundusp), criado na década de 60, é o órgão responsável pelas construções dentro da Cidade Universitária, sendo a Prefeitura responsável pela manutenção e limpeza.

## SISTEMA DE LOCALIZAÇÃO NA USP

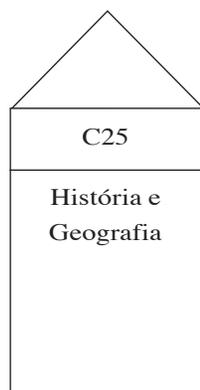
Se a construção da Cidade Universitária ocorreu a partir da década de 30, um

sistema oficial de orientação à locomoção e localização dentro da USP, por sua vez, só foi iniciado muito mais tarde. A partir de 1971 iniciou-se uma experiência nova no sentido de orientar os usuários do *campus* quanto à direção a ser tomada rumo ao edifício ou serviço procurado. Para tanto, um sistema visual de comunicação começou a ser implantado, cujos elementos básicos eram: símbolos, alfabeto, signos direcionais, pictogramas e cores.

O projeto de localização foi dividido em três partes: 1) orientação viária; 2) localização dos edifícios; 3) sinalização de trânsito.

1) *Orientação viária*: a USP foi dividida em setores (agrupamentos de unidades), identificados por cores – amarelo, verde, vermelho, roxo, azul – e pelos pontos cardeais – N, E, S, We e C. Este último (C) indicava o Centro, ou seja, a Torre da Cidade Universitária. A letra vinha associada a um número que dava seqüência aos prédios. Para auxiliar o usuário, montou-se um posto de informações à entrada do *campus*. Junto a esse posto, havia placas e grandes prismas que listavam os códigos. Sabendo-se o setor e o número do edifício, bastaria ao usuário seguir as placas da cor correspondente e acompanhar a seqüência dos números. As setas coloridas auxiliariam o direcionamento.

2) *Identificação dos edifícios*: à entrada de cada edifício havia um prisma na cor correspondente ao setor com indicações gráficas (o nome mais próximo possível do popularmente conhecido), além da letra e o número acima explicados. Ex.:



3) *Sinalização de trânsito*: para não haver confusão com as placas de orientação, preferiu-se utilizar as indicações horizontais, pintadas no chão.

Como elementos visuais, foram ainda criados símbolos característicos da USP, como o logotipo com as iniciais da Universidade de São Paulo, cujo desenho foi desenvolvido em malha geométrica. As cores da USP passaram a ser laranja e azul. A primeira, dos uniformes, e a segunda, já então oficial da USP.

Mas todo esse sistema acabou não vingando, ficando apenas alguns elementos, como o logotipo, cores e pictogramas.

A partir de 1980, aproximadamente, iniciou-se a substituição desse sistema e a implantação de indicação viária pelo nome das ruas e avenidas, tal como no sistema tradicional da cidade de São Paulo. Ruas, avenidas e praças foram batizadas com nomes de ex-reitores já falecidos, excetuando-se a Praça Ramos de Azevedo. Mas um problema folclórico se apresentou: como ainda não havia reitores falecidos em número suficiente, várias ruas e travessas permaneceram com a indicação antiga de letras e números. É necessário explicar que, mesmo com a divisão da USP em setores, as ruas eram identificadas pelo Fundusp por letras e números.

## TOPONÍMIA OFICIAL E TOPONÍMIA ESPONTÂNEA

Por longos anos a USP viveu sem sistema oficial de localização e, diante desse vazio, os usuários passaram a orientar-se pelos edifícios, pelas unidades, pelos serviços. Essa identificação tornou-se tão profunda que até hoje persiste. A qualquer membro da comunidade universitária a quem seja pedida uma informação quanto à localização, é normal indicar como referência a unidade que funciona em cada edifício, utilizando-se por vezes de apelidos dados a ele ou à rua. Esses apelidos são a toponímia espontânea criada pela comu-

nidade universitária.

De acordo com os mapas fornecidos pela Prefeitura Universitária, podemos distribuir as ruas, avenidas, praças e alguns edifícios em eixos:

### EIXO ENTRADA DA USP

- 1) Praça Reynaldo Porchat
- 2) Av. Prof. Mello Moraes
- 3) Av. da Universidade

### EIXO REITORIA

- 4) Praça 2 – Prof. Rubião Meira
- 5) Praça da Reitoria
- 6) Rua da Reitoria
- 7) Rua do Anfiteatro

### EIXO QUÍMICAS

- 8) Praça 3 – Prof. Jorge Americano
- 9) Av. Prof. Lineu Prestes
- 10) Praça 4 – sem nome
- 11) Estrada do Mercadinho

### EIXO GEOGRAFIA - PU - IPT

- 12) Av. Prof. Luciano Gualberto
- 13) Praça 7 – Prof. Ramos de Azevedo
- 14) Av. Prof. Almeida Prado
- 15) Praça 6 – da Prefeitura

### EIXO PREFEITURA - BIOLOGIA

- 16) Rua do Matão
- 17) Rua do Lago

### ECA

- 18) Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues

### TRAVESSAS

- B e C (ao lado do Cepeusp e Crusp)  
E (vai do Péretron ao Instituto Oceanográfico)  
J (em frente da Reitoria Velha)  
1, 2, 3, 4, 5 (Poli)  
11 (atrás da Educação)

### SEM NOME

Rua que bifurca na Geologia, corre por trás da História e sai na Lineu Prestes.

Deve ser ressaltado que no caso das travessas com letras e números as mesmas são quase que ignoradas pela comunidade, que

não se preocupa em identificá-las, nem pela toponímia oficial, nem pela espontânea.

Algumas ruas foram batizadas oficialmente com os nomes já consagrados pela comunidade. É o caso, por exemplo, da Rua da Reitoria e do Anfiteatro. No caso da Praça da Reitoria isso não acontece: dificilmente se faz referência a ela e, quando isso ocorre, explica-se sua localização; raríssimas pessoas conhecem seu nome. A Praça da Prefeitura é também uma referência espontânea absorvida pela toponímia oficial.

A Estrada do Mercadinho é uma das saídas da USP, próximo à Biologia, que desemboca na Av. Corifeu de Azevedo Marques. Na esquina da avenida há um mercadinho que lhe serviu de causa denominativa.

A Rua do Matão é a rua que sai da PU e sobe em direção à Lineu Prestes. Recebeu esse nome porque percorre um trajeto que tem em um de seus lados o Bosque da Biologia.

A Rua do Lago, que se inicia em frente à FAU e que sobe até a Av. Lineu Prestes (bifurcando anteriormente na Geologia, dando origem à rua sem nome já citada), pode parecer à primeira vista um topônimo espontâneo, absorvido pelo oficial. Na verdade, ela recebeu esse nome de um dos arquitetos que trabalhava na Prefeitura e que fazia a planta da Cidade Universitária. Tomou como referência o lagozinho da FAU.

Praça Prof. Reynaldo Porchat: foi o primeiro reitor da USP (1934-38). É mais conhecido pela estátua que traz em seu centro e esta é a referência. Até mesmo a Academia de Polícia é maior referência que o nome da praça, que poucos conhecem.

Av. Prof. Mello Moraes (1954-55): conhecida popularmente como Av. da Raia, pois a seu lado corre a Raia Olímpica. A identificação é tão forte que não são poucas as pessoas que acreditam ser esse o nome oficial, chegando a tal grau de sofisticação (e confusão) que, por vezes, chegamos a ouvir “Avenida das Arraias”, misturando-se um nome fortemente concreto com outro supostamente derivado do local (arraia = peixe).

Av. da Universidade: todos conhecem por “Reta da Educação”.

Praça Prof. Rubião Meira (1939-41): é conhecida por “fonte luminosa”, devido à fonte que costuma jorrar, enfeitando as noites na USP.

Praça 3 – Prof. Jorge Americano (1941-46): no máximo é conhecida por “praça em frente ao Instituto Butantã”. Seu nome oficial é desconhecido da comunidade.

Av. Lineu Prestes (1947-49): dos nomes oficiais é a mais conhecida, mas, mesmo assim, quase que a totalidade da comunidade a conhece por “Subidão das Químicas”.

Av. Prof. Luciano Gualberto (1950-51): são várias as referências, pois abrange várias escolas em seu percurso. Destaca-se o Banespa, que passou a ser ponto de referência.

Praça Ramos de Azevedo: professor falecido da Escola Politécnica e autor, entre outros projetos arquitetônicos, do Teatro Municipal de São Paulo. O nome dessa praça gerou polêmica na USP, pois foge ao critério geral – nomes de ex-reitores falecidos. Mesmo assim, resolveram mantê-lo devido à forte ligação com a Escola e a estátua em homenagem ao professor foi colocada à frente da Poli. Para vir para a Cidade Universitária, a estátua precisou ser desmontada e remontada bloco por bloco. Anteriormente se encontrava na Av. Tiradentes em frente à Poli, quando esta lá funcionava (onde hoje se encontra instalada a Fatec). Com a reforma da avenida a estátua teve que sair e foi, então, pelo início da década de 70, transferida para o *campus*. Seu nome popular – e pelo qual realmente é conhecida – é “Praça do Cavalo” ou “Estátua do Cavalão”.

Av. Prof. Almeida Prado (1946-47): conhecida por “Avenida do IPT”.

Av. Prof. Lúcio Martins (1938-39): conhecida por “Avenida da ECA”.

A espontaneidade das denominações ultrapassa o simples nome das ruas. Os edifícios também recebem nomes especiais, e mais interessantes são os motivos que os levam aos apelidos.

Chama-se costumeira e folcloricamente de “Caixa-Forte do Tio Patinhas” o prédio do Laboratório de Alta Tensão do Ins-

tituto de Eletrotécnica, pois seu desenho lembra perfeitamente o cofre-forte do famoso personagem de Walt Disney.

O edifício J. O. Monteiro de Camargo presta homenagem a um ex-professor de Cálculo da Escola Politécnica e se compõe de dois prédios. A comunidade local, porém, quando indagada sobre o nome dos mesmos, responde prontamente: “Biênio” e “Cirquinho”. O primeiro prédio recebeu essa alcunha devido aos dois anos básicos obrigatórios que os alunos lá cursam. O segundo parece um disco voador (e, às vezes, é assim chamado), pois é redondo e fundo, com bancos dispostos como arquibancadas para que os alunos melhor observem as aulas. É cercado por um espelho d’água.

Ainda na Poli, há um canal de saneamento por onde corre o esgoto. Os alunos o chamam de “Rio Tejo”, ironizando seu tamanho, pois o canal é bem largo e fundo, sendo que o volume de esgoto é pequeno. Há ainda uma pequena ponte de madeira que é chamada de “Cai-não-cai” devido à precariedade de sua construção.

É chamado de “Praça do Relógio” o local onde se encontra a Torre da Cidade Universitária.

A “Reitoria Velha” é identificada em oposição à “Reitoria Nova”. A primeira foi inicialmente projetada para tal função, porém, mais tarde, já na década de 70, foi transferida para os blocos K e L do Crusp. Na década de 60, dois blocos da moradia foram demolidos para que a Reitoria ficasse à vista de todos os que viessem pela Av. da Universidade, o que causou protestos da comunidade na época.

“Empadão”: assim é chamada por todos a caixa d’água da Adutora de Cotia, que, embora não esteja no *campus*, é fronteira e serve de marco de referência. Fica no “Subidão das Químicas” e muitos nem sequer sabem para que serve. Tem realmente o formato de uma empadinha, mas por vezes também é chamada de “Disco Voador”.

“Colméias”: as salas de aula construídas em 1972 para abrigar o curso de Letras têm o formato de favos de mel. Por extensão, as alunas do curso eram chamadas de “abelhinhas”. Nas “colméias” há um gramado que

se localiza entre duas salas de aula em que um dia de manhã os alunos e professores encontraram um bidê. Começou uma discussão sobre o motivo da presença desse objeto: alguns diziam que era obra de algum artista que desejava o anonimato; outros diziam que era protesto de algum aluno contra a qualidade ruim de alguma disciplina. Na verdade, tudo começou quando Tabajara, um morador do Bloco A do Crusp, resolveu pegar um bidê do Bloco F (até então sem uso para moradia e meio desmontado) para instalar em seu apartamento no Bloco A. No meio do caminho, cansou de carregá-lo e deixou-o no gramado. A partir daí todos começaram a chamar o local de “Praça do Bidê”. O topônimo foi tão bem aceito, que a Prefeitura Universitária instalou bancos no local e o Caell autorizou a decoração da parede que contorna a “praça” com desenhos e inscrições que fazem referência.

“Arca de Noé”: por algum tempo assim foram chamados os dois últimos andares do Bloco C do Crusp, devido ao fato de lá terem se instalado alunos que só admitiam morar em dupla de amigos ou casais, não admitindo um terceiro morador, o que deveria ser o normal da ocupação dos apartamentos, visto estes comportarem tranquilamente três pessoas. Esse conjunto de alunos era chamado pejorativamente de “Irmandade”.

O prédio que abriga a Biologia tem como nome oficial “André Dreyfus” (fundador do Departamento de Biologia Geral da USP em 1934). Em frente ao prédio há um outro edifício que abriga um conjunto de anfiteatros que, segundo a direção da unidade, chama-se oficialmente “Minas Gerais”. Esse nome foi inicialmente dado por professores e estudantes da unidade em forma de apelido, pois comparavam o prédio ao porta-aviões comprado dos Estados Unidos pelo Brasil (“irmão” do porta-aviões 25 de Maio, usado pela Argentina na Guerra das Malvinas). A parte superior do prédio é plana, o que faz lembrar uma pista de pouso. A alcunha foi tão bem aceita que muitos nem sequer desconfiam da origem de seu nome.

No conjunto das Químicas há um anfiteatro circular, cujo formato, dividido por colunas, lembra fatias e, por isso, é conhecido por “Queijinho”.

Ao lado do Centro de Práticas Esportivas da USP (Cepeusp) existiu, na década de 60, o Centro Regional de Pesquisas Educacionais (CRPE), que era chamado de Crepe (mais fácil de se pronunciar). Até hoje algumas pessoas, sobretudo os mais velhos, referem-se ao Cepeusp como Crepe e raras são aquelas que sabem o porquê.

Quanto ao Setor Esportivo, em 1975 deveriam ter ocorrido os Jogos Pan-americanos de São Paulo e, na época, a USP recebeu verbas para a conclusão do Setor. O então reitor – Orlando de Paiva – tomou as devidas providências para a construção de um ginásio poliesportivo de padrão internacional. Entre os funcionários e a comunidade mais próxima, o mesmo foi apelidado de “Orlandão”, em homenagem ao reitor. Cumpre também ressaltar que o uso do aumentativo em nomes de estádios é muito comum, o que coloca o “Orlandão” em par com “Mineirão”, “Castelão” e outros.

## CONCLUSÃO

A toponímia espontânea apegase normalmente – ou, pelo menos, no caso da USP – àquilo que de mais característico há no lugar ou objeto, àquilo que mais sintetiza sua história, sua função. A comunidade resiste ao que não faz parte de sua vida,

ao que não lhe traz recordações; cria um sistema que é só seu e o que não estiver dentro dele tende a ser relegado a segundo plano ou nem sequer considerado. Nesses casos, a toponímia oficial tem que conviver com a espontânea.

Nos casos de substituição de nomes de ruas ou praças por parte das autoridades competentes, há freqüentemente uma tendência dos moradores locais a resistir aos novos topônimos. A assimilação total da nova toponímia é lenta e gradual, por vezes nem chegando a acontecer. O topônimo novo serve como rótulo em correspondências ou documentos, mas oralmente a referência é o antigo nome.

No caso da USP, esses dois tipos de toponímia assumiam certas características na época de nossa pesquisa (1983). Na linguagem oral predominava – e acreditamos ainda predomine – a toponímia espontânea, enquanto na linguagem escrita prevalece a toponímia oficial.

Nosso estudo pretende apenas ser uma contribuição à história da USP e de seu *campus*. Nesses últimos dezenove anos muita coisa mudou, o *campus* se modificou (para melhor), a relação da comunidade com o sistema de localização também assumiu outras características, novas instalações foram construídas, em suma, a Cidade Universitária assumiu nova configuração. Diante dessa realidade, deixamos aqui uma sugestão de continuidade do estudo sobre a toponímia oficial e espontânea que recubra o espaço de tempo de 1983 até os dias de hoje.

---

## BIBLIOGRAFIA

CAMPOS, E. de S. *Cidade Universitária da Universidade de São Paulo: Aspectos Gerais do Planejamento e Execução*. São Paulo, s.e., 1954 (Publicação da Comissão da Cidade Universitária).

COMUNICAÇÃO *Visual no Campus da USP*. São Paulo, MEC/Funarte, 1978.

MENDES, J. C. *Universidade de São Paulo: Símula de sua História*. São Paulo, Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, Academia de Ciências do Estado de São Paulo, s.d.